

Integrando Habermas, Piaget e Grize: contribuições para uma Teoria Construtivista-Crítica da Comunicação

Integrating Habermas, Piaget and Grize: contributions for a Critical-Constructivist Communication Theory

MILTON N. CAMPOS

Professor Associado do Departamento de Comunicação da Université de Montréal, Canadá. Títulos: Livre Docência em Ciências da Comunicação, Doutorado em Psicologia (1996), Mestrado em Ciências da Comunicação (1993) e Bacharelado em Comunicação – Habilitação em Jornalismo (1988) obtidos na Universidade de São Paulo. Pós-doutorado na Simon Fraser University (1997-1998) e na University of British Columbia (1997), no Canadá. <milton.campos@umontreal.ca>

RESUMO

Apresentamos, nesse artigo, a teoria construtivista-crítica da comunicação que chamamos de *ecologia dos sentidos* e a metodologia para a sua instrumentalização, que integra as propostas da *semiótica construtivista-crítica* e da *pesquisa ação-engajada*. Exploramos essas contribuições para o entendimento do processo de comunicação, apresentando seus fundamentos conceituais, encontrados em aspectos teóricos da filosofia de Habermas, da epistemologia genética de Piaget e da teoria da esquematização e da lógica natural de Grize. Expomos os princípios de base da teoria comunicativa e do método que propomos justificando sua pertinência e aplicação em estudo de processos comunicativos contemporâneos.

PALAVRAS-CHAVE: Ecologia dos sentidos. Construtivismo crítico. Análise do discurso multilinguagem.

ABSTRACT

In this paper, we introduce the *ecology of meanings* communication theory as well as methodological tools related to it: *critical-constructivist semiotics* and *engaged action-research*. We explore these contributions for further understanding communication processes by introducing their conceptual foundations, based on theoretical aspects of Habermas philosophy, Piaget's genetic epistemology, and Grize's schematization theory and natural logic. We explain what are the critical principles of the communication theory and method that we propose by justifying its consistency and applicability in studies on contemporary communication processes.

KEYWORDS: Ecology of meanings. Critical constructivism. Multilanguage discourse analysis.

O objetivo deste trabalho é o de explicitar os constructos teóricos da ecologia de sentidos – uma proposta construtivista–crítica desenvolvido para explicar processos de comunicação –, e o de propor uma metodologia multilinguagem de análise discursiva, associada à pesquisa-ação, que leve em consideração uma perspectiva ética. Em biologia, ecologias são entendidas como sistemas orgânicos interagindo no meio ambiente, funcionando de forma dinâmica e permanente na busca de equilíbrio através de processos de assimilação, acomodação e adaptação. Tentativas para se entender os processos cognitivos e afetivos humanos, assim como os mecanismos de transmissão e interpretação de informações e de construção dos conhecimentos, têm gerado visões controversas entre cientistas e filósofos a respeito da relação entre cultura e natureza, notadamente em relação à ética. Muitos estudiosos das ciências humanas partem do pressuposto de que a cultura e a natureza seguem caminhos independentes. Outros, como Freud consideram a cultura como resultado de transformações da natureza humana no processo evolutivo (1981). A crença geral de que a natureza e a cultura são, em grande parte, independentes, e que esta última está desconectada da ontogênese humana e sua filogênese, está implícita em inúmeras teorias da comunicação. Neste texto, buscamos apresentar a ecologia dos sentidos e reflexões metodológicas relacionando a *natureza* (cognição e afetividade) e a cultura (ética, política) humanas.

Colocação do Problema

Segundo Craig, a “ciência” da comunicação se desenvolveria mais se levasse em conta a interdisciplinaridade, mas especialmente a biologia (1999, p. 151). Cappella, há mais de 30 anos, sugeriu que alguns padrões de interação humana tem uma origem biológica (1991, p. 4-6.). Autores recentes expandiram essas discussões estudando outras formas de vida como, por exemplo, bactérias (Bassler, 2002) e aves (Pepperberg, 2000).

Pragmáticos como Kelly (1955) e Sperber e Wilson (1986) destacaram a importância dos processos cognitivos de ordem biológica a partir de perspectivas neo-behavioristas ligadas às ciências cognitivas. Por sua vez, Krippendorff (1984, 1994) baseou sua teoria comunicativa da inter-recursividade na epistemologia fenomenológica naturalista avançada pelos neurocientistas Maturana e Varela, compreendendo as interações humanas de modo biológico (Maturana & Varela, 1997; 1976; Varela, 1996, 1999; Varela, Thompson & Rosh, 1993). A abordagem cognitivista fenomenológica e sua relação com estudos a respeito das interações comunicativas tiveram um impacto não negligenciável em áreas como a comunicação organizacional (Taylor, 1995) e a sociologia das organizações (Luhmann, 1992). Maturana e Varela também influenciaram estudos sobre a comunicação mediada por computadores (Winograd & Flores, 1986), além de inúmeras teorias do ciberespaço (Lévy, 1990; 1994). As contribuições para os estudos de comunicação provindas da pesquisa cognitiva fenomenológica têm pontos em comum com a tradição das ciências cognitivas segundo a qual a cognição seria socialmente situada e construída. Essas abordagens foram traduzidas nos estudos sobre a comunicação sob a forma de teorias do discurso social (Van Dijk, 1994), da percepção social (Clarke & Delia, 1977; Delia & O'Keefe, 1977; O'Keefe & Delia, 1991; Burleson, Delia & Applegate, 1992), e da interação humano-computador (Hutchins, 1995; Meyer, 2000). Diferentes escolas de pensamento relacionadas com as teorias da cognição situada, interessadas na relação entre comunicação e tecnologia, também foram desenvolvidas, integrando inúmeras discussões provindas da cibernética de primeira, segunda e terceira ordens com estudos críticos provindos das escolas estruturalistas e pós-estruturalistas (para uma revisão, ver Bakardjieva, 2005).

A maioria dessas abordagens são conhecidas como diferentes formas de “construtivismo” de *conteúdos* (onde as *estruturas* não são consideradas). Elas compartilham o entendimento segundo o qual os conhecimentos provém *apenas*

dos contextos situados. Adotamos aqui uma abordagem construtivista-crítica que se baseia na definição epistemológica do construtivismo, originalmente apresentada por Piaget antes da cibernética, da teoria de processamento da informação e da ciência cognitiva (2000; 1949-1950). Na visão de Piaget, o conhecimento não está nem inscrito na mente (no sujeito), como os existencialistas e alguns empiristas radicais acreditam, nem no mundo (o objeto), como empiristas de outro tipo defendem em sua obsessão ingênua pela coleta de dados e pelas “provas”. O conhecimento ocorreria, segundo o epistemólogo suíço, *in media res*, entre as possibilidades de o sujeito interagir com o objeto através de processos orgânicos e simbólicos de assimilação e acomodação levando à adaptação orgânico-simbólica (Piaget, 1949-1950a, p. 12). A expressão latina *in media res*, refere-se, nesse contexto, ao lugar em que se constrói a *possibilidade* do conhecimento, através da comunicação.

A definição de construção de Piaget diz respeito, portanto, às *estruturas biológicas* (possibilidades neuronais da mente) que permitem que os significados emirjam da experiência e sejam moldados na dinâmica das interações. A comunicação é entendida aqui como um processo de conhecimento de trocas em que *formas* (sistemas lógicos, que são abstratos e universais) e *conteúdos* (sistemas de significação, que são empiricamente enraizados e contingentes) se completam (Campos, 2011, p. 176). As consequências epistemológicas do construtivismo de Piaget para os estudos sobre os processos de comunicação, entendidos como uma “disciplina”, são de que tanto os conhecimento populares (situados) como os universais (necessários) devem ser considerados, e não somente um ou outro.

A dimensão crítica, por sua vez, está relacionada a uma possível teoria da consciência. Ainda que comuniquemos inconscientemente por meio do corpo, a comunicação é, essencialmente, um mecanismo “consciente”, que engendra a possibilidade que distingue o *homo sapiens* dos outros animais. Quando nos engajamos em um

processo de troca simbólica (Piaget, 1976c; Cassirer, 1994), normalmente o fazemos porque temos a *intenção* de comunicar. Embora Piaget não tenha explorado os conteúdos das interações, e centrado suas investigações na sua forma dinâmica (a estrutura da troca de valores), está implícito em sua teoria que nenhum significado pode surgir na ausência de atrito lógico e categorização. Os significados dependem de construção lógica, em cuja estrutura se organizam os enunciados. Por exemplo, *negar* (operação lógica de negação) leva a reações e requer ou concordância ou disputa pela via de afirmação contrária; para *se levantar uma hipótese* (operação Se-Então) parte-se de questões que levam a debate, análise e tirada de conclusões etc. Só através dessas construções, entendidas como avaliação crítica das pretensões à validade dos argumentos, pode surgir a racionalidade e a comunicação dialógica, fundamentos da democracia.

As contribuições epistemológicas de Piaget receberam atenção de poucos teóricos das ciências sociais (Goldman, 1978; De Gandillac, Goldmann & Piaget, 1965), mas foram retomadas recentemente, na área da comunicação (Campos, 2007; no prelo). Elas oferecem uma base sólida para se pensar, compreender e explicar o processo de comunicação do ponto de vista das *estruturas*, dos mecanismos sócio-históricos e psicológicos de sua produção. A teoria comunicativa das esquematizações e a lógica natural (LN) de Jean-Blaise Grize (1997; 1996; 1991; 1982; Gattico & Grize, 2007) completam a proposta piagetiana porque também levam em conta os *conteúdos*, entendendo as trocas como mecanismos argumentativos. A comunicação pela argumentação, entendida como *conector* dos sistemas político-administrativos com o mundo vivido – *Lebenswelt* –, tal como sugere a teoria social de Habermas (1987a; 1987b), traz ainda uma outra dimensão que nos permite um olhar teórico diferente sobre a comunicação. Estas três perspectivas reunidas respondem aos dois critérios estabelecidos por Sigman (1992) sobre os fundamentos que constituiriam uma teoria da comunicação:



1. *Afirma-se e estabelece-se que devemos nos referir a fenômenos de comunicação em geral, e não a questões específicas comunicativas locais, de grupo ou de contexto.*
2. *Refere-se à produção das interações ou dos processos dos sentidos (significados, valores, ordem)."*

(Sigman, 1992, p. 352)¹

Piaget: a comunicação entendida como troca de valores (Contexto)

O programa de investigação de Piaget tinha como objetivo responder a pergunta “como é possível o conhecimento?”, feita por Aristóteles e de Kant. Piaget propõe então um modelo para responder a questão: a lógica operatória (LO) (Piaget, 1976d). Esta representaria a estrutura e o funcionamento dos sistemas neuronais cerebrais nas interações do ser humano junto ao meio, ao longo do tempo (das operações mentais lógicas mais simples dos primeiros estágios de desenvolvimento infantil até as mais complexas da adolescência e da vida adulta). Tratar-se-ia de um “kantismo evolutivo” (Piaget, 1959, p. 57-58) no que se refere à dinâmica do sujeito, em consonância com a dialética hegeliana relativamente à dinâmica histórico-social (Kesselring, 1997, p. 17-20). Em Piaget, o juízo sintético *a priori* de Kant (1994) é entendido como dado genético (tal como a possibilidade de se pensar as noções de substância, espaço, tempo e causalidade), mas que se constroi nas interações do sujeito do conhecimento com as possibilidades do mundo empírico, ou seja, com o conteúdo de toda a experiência possível, a razão prática (Kant, 2003). O ser humano traria a novidade de integrar corpo e mente, processos de assimilação e acomodação orgânica e simbólica (que obedeceriam ao que Piaget chamou de “função semiótica”). No entanto, a proposta

tinha um calcanhar de Aquiles porque a LO não deu conta de representar o momento de transição quando o ser humano aprende a linguagem (entre o estágio sensório-motor, quando a criança aprende, progressivamente, a usar o próprio corpo, e o estágio pré-operatório, quando a criança adquire, progressivamente, a capacidade de raciocinar por meio da linguagem). Grize foi quem descobriu esse problema, justificado por Piaget como resultado da incompatibilidade dos conteúdos do vivido com as formas, dificuldade que poderia, eventualmente, ser resolvida no futuro como resultado de pesquisas (Piaget, 1976d, xx).

Contribuição para a comunicação

Embora Piaget tenha deixado uma rica contribuição potencial para a comunicação, e tenha pesquisado a aquisição da linguagem na criança, ele nunca se preocupou com a dimensão situada da cultura (sentidos) que emerge nos processos cognitivos. Ainda que ele tenha buscado desenvolver uma teoria das significações (Piaget, 1991; 1977b; 1976b; 1976c), as propostas não apresentavam uma dimensão pragmática, mas somente sintático-semântica. A contribuição de Piaget para a comunicação é dupla: ele descreveu (1) a gênese da comunicação na criança (1976a) e propôs (2) o modelo de trocas de valores (1977a, p. 107) (Figura 1).

(1) No que diz respeito à gênese, ele se deu conta de que a criança passa do egocentrismo à socialização nas trocas comunicativas (falar para si mesma até ser capaz de estabelecer uma comunicação fundada em razões). Além disso, de que essa passagem se constitui graças à adoção de valores que, quando individuais são afetivos e, quando sociais, morais. A moral para ele, portanto, é a dimensão normativa social da afetividade, expressa através de processos comunicativos cooperativos ou coativos (no entender de Habermas como sendo comunicativos ou instrumentais).

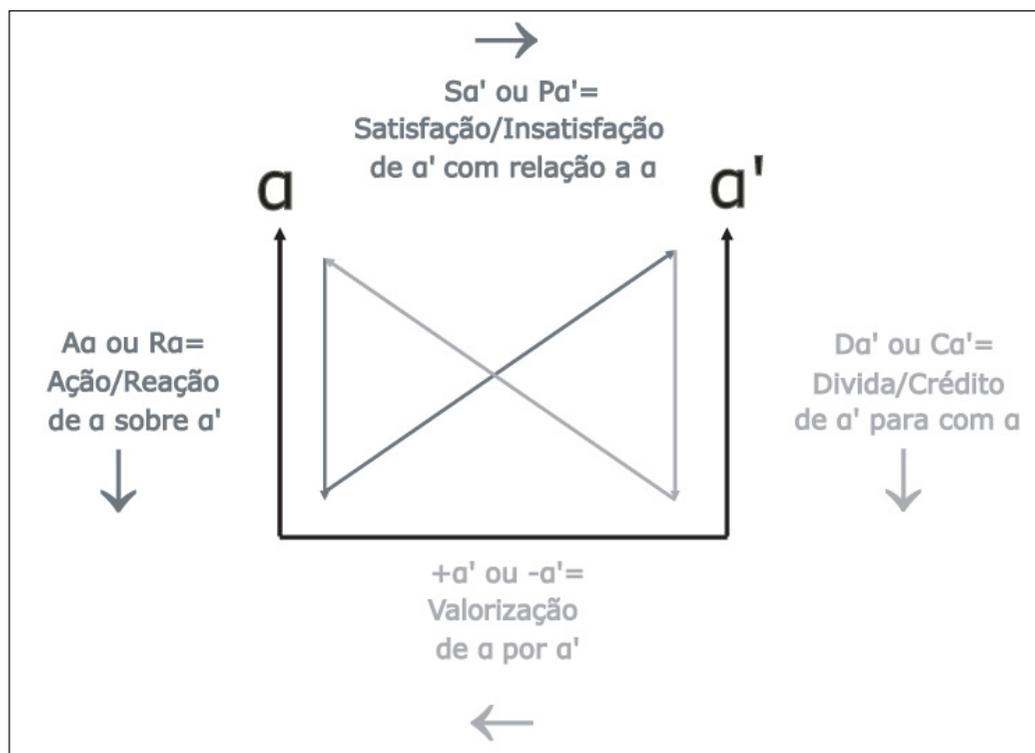


Figura 1 – Modelo da Troca de Valores. Fonte: Adaptado de Piaget (1977a, p. 107).

(2) No que diz respeito ao modelo da troca de valores, ele expressaria o mecanismo das interações que Piaget encontrou embrionariamente na criança (e que constitui o fundamento estrutural do funcionamento comunicativo adulto). De acordo com o modelo, que pode ser aplicado a indivíduos, grupos sociais ou sociedades, a ação de **A**, quando dirigida comunicativamente a **B**, tem consequências afetivo-morais. Esta

ação pode proporcionar satisfação (+), insatisfação (-), ou ser neutra. A percepção de satisfação, insatisfação ou neutralidade da parte de **B** vai, conseqüentemente, implicar em dívida (sentimento de obrigação), crédito (sentimento de desprezo) ou indiferença. Como resultado, **B** irá atribuir um valor a **A** (afetivo-moral) relacionados com a dívida ou com o crédito e vai reagir, valorizando-o ou desvalorizando-o. Os pólos das interações (que nunca são fixas, mas dinâmicas), são:

- a) Cooperativo, quando tendem a um equilíbrio, ou seja, há respeito entre os parceiros da comunicação, levando a consensos;
- b) Coativo: quando tendem ao desequilíbrio, ou seja, há desrespeito, intenção de manipulação ou de exercício de poder violento, levando a subordinação forçada.

É importante dizer (1) que as trocas nunca se cristalizam em um dos pólos e são complexas, alternando, muitas vezes, ambos pólos em um mesmo processo e (2) que são aplicáveis não somente aos indivíduos, mas também a análises de processos de grupo e sociais. As múltiplas possibilidades morais resultantes da aplicação do modelo das trocas de valores é pertinente para a descrição de situações variadas como as que encontramos na economia, nas revoluções históricas, nas redes sociais da Internet, nas relações amorosas etc.

Grize: a comunicação entendida como esquematização

Jean-Blaise Grize foca seu interesse em como os sentidos que damos às coisas são operados mentalmente. Ele propôs uma lógica alternativa à LO de Piaget, mais ligada aos processos de troca de sentidos que se expressam pela linguagem. A pesquisa de Grize integra (1) a LN (1997; 1996; 1991; 1982; Borel, Grize & Miéville, 1992; Miéville, 2010) a (2) um procedimento lógico-argumentativo conhecido de lógicos e teóricos da argumentação (Van Eemeren & Grootendorst 2004; Van Eemeren e outros, 1996).

Contribuição para a comunicação

(1) A LN está associada a um modelo de comunicação baseado em cinco postulados (Grize, 1996, p. 60-65): (a) o do dialogismo; (b) o da situação de interlocução que determinaria as condições psicossociais e as consequências da comunicação; (c) o da representação pois a comunicação como atividade simbólica implicaria a construção psicossocial de imagens do mundo; (d) o da ideia de pré-construído cultural pois as representações que temos do mundo e de seus sujeitos seriam moldadas historicamente através das línguas; e (e) o do entendimento segundo o qual os objetos de construções são *processos* de comunicação que organizam os conteúdos das atividades discursivas, mas também *resultados* deles. Em primeiro lugar, como toda lógica, a LN é fundada em “objetos” e “operações”, mas opera conteúdos fundados no desenvolvimento temporal das culturas.

Em segundo lugar, a LN inova integrando “objetos” e “operações”, aos “sujeitos” da comunicação, uma revolução nunca vista antes da lógica de Aristóteles. Grize apresenta essa proposta como alternativa à LO de Piaget, de modo a representar a maneira pela qual os sujeitos co-raciocinam pela comunicação.

(2) Esquematisações são processos situados de comunicação baseados em imagens do mundo (representações individuais e sociais). Nesta proposta, a cada tema **T** abstrato de discussão corresponde uma imagem **Im (T)**, relativa à história de sua construção (através de palavras, imagens, sons etc.) e ao vivido do sujeito. Os interlocutores da situação de comunicação se engajam na construção e coconstrução de representações através de ações simbólicas onde resultam *imagens do mundo*. **A** constroe uma imagem **Im (A)** de uma **Im (T)** enquanto **B** constrói uma imagem **Im (B)** dessa mesma **Im (T)**. No entanto, na interação, a coconstrução se dá quando **A** constroe uma imagem **Im (A)** de uma **Im (T)** e a comunica a **B**. **B** que tem uma imagem **Im (B)** da imagem **Im (T)**, entrará em relação com a imagem **Im (B)** da imagem **Im (A)** que

(A) tem da **Im** (T). Dependendo de quem argumenta, essa imagem é construída (se com base em novos elementos ligados ao **T** historicamente construído) ou reconstruída (se com base em uma reinterpretação da interpretação historicamente construída de **T** pelo interlocutor). As imagens de mundo construídas por **A** ou **B** no processo argumentativo de comunicação dependem portanto das intenções do interlocutor (vontade, finalidade, objetivo), e da moldagem de representações e dos contextos culturalmente construídos (crenças, traços, hábitos, etc.).



Figura 2 – Modelo da Esquematização da Comunicação.

Fonte: Adaptado de Grize (1997, p. 29).

O processo de construção e reconstrução equilibrante – ou *esquematisação* – é progressivo e ajuda os interlocutores a interpretar a si mesmos e uns aos outros (Grize, 1997). Grize se distancia da tradição dos estudos argumentativos (Perelman & Olbrechts-Tyteca, 2008; Toulmin, 1999) que vêem a argumentação como um processo de confronto e verificação de pretensão à validade de verdades ou veridicidades somente em disputas. Para Grize a comunicação é essencialmente argumentativa, como crê também Breton (1996) e qualquer forma de comunicação implica em formas argumentativas (de naturezas diferentes).

Integrando Grize e Piaget a uma perspectiva habermasiana

Propomos a teoria da comunicação “ecologia dos sentidos” (Campos, no prelo; 2011; 2007) na encruzilhada das contribuições de Piaget e Grize, mas sobretudo nas de Habermas que, cabe destacar, *nunca propôs uma teoria da comunicação, mas uma teoria social na qual a comunicação é fundamento*. Esta orientação diz respeito ao valor do uso empírico de postulados pragmáticos formais (Habermas, 1987a, p. 334).

Em sua teoria social, Habermas (1987a; 1987b) considerou a teoria de Piaget ao incorporar o papel da aprendizagem no desenvolvimento psicológico e social (Freitag-Rouanet, 1999; 1992). A crítica da razão funcionalista que leva à concepção de razão comunicativa é construída paralelamente ao modelo da troca valores de Piaget (que Habermas chama de “modelo de cooperação social”, 1987a, p. 30) [1]. Além disso, o entendimento amplo que Habermas atribui às “mídias”, que inclui o dinheiro e o poder como “linguagens”, reforça o modelo de troca de valores em termos das dimensões sociais, econômicas, políticas e culturais da vida dos indivíduos e das instituições coletivas [2]. Mais importante, Habermas concentra-se em processos de argumentação como um meio para se chegar à intercompreensão – um processo crítico. O filósofo alemão reconhece que a sua proposta de fusão da pragmática formal com a

empírica é apenas um projeto (Habermas, 1987a, p. 335). Habermas fornece os meios para se avaliar a universalidade das operações de comunicação e vai além dos limites da “performance” cognitiva expressa na teoria empirista dos atos de fala (Austin, 1962, p. 115-119; Searle, 1972). Ele aponta as limitações da pragmática empírica para se estudar a racionalidade da vida diária, sugerindo que a pragmática formal a ela deva ser integrada (Habermas, 1987a, p. 335-336) de modo a responder tanto às necessidades dos conhecimentos que levam a verdades, ainda que provisórias, como aquelas que desembocam justificações (Habermas, 2003) [3].

Sugerimos que a ecologia dos sentidos, vista como integração da visão multi-dimensional da competência comunicativa como esquematização (Grize) e do modelo da troca de valores (Piaget) é apropriada para estimar o valor do uso empírico de postulados pragmáticos formais dentro do projeto habermasiano (Campos, no prelo; 2011).

Orientação argumentativa da pesquisa habermasiana

Quanto a [1] e [2], Habermas desenvolve uma crítica da irreduzibilidade da maioria das abordagens no que diz respeito às relações necessárias entre o sistema social e a experiência fenomenológica do mundo vivido. Aqui, ele tem como alvo o problema mais fundamental da sociologia (e, inversamente, da psicologia), que é a consideração mútua do indivíduo e da sociedade. Ele aborda a fraca ligação entre os sistemas sociais e a experiência fenomenológica do mundo vivido na história das teorias sociológicas, incluindo a dos sistemas, sugerindo que a maioria delas não consideram a comunicação como dimensão capaz de conectar os significados culturais da linguagem (corporais e verbais) com as “linguagens” político-sociais do dinheiro (econômica) e da administração (política) (1987b). Enquanto que, por um lado, a comunicação expressaria a experiência fenomenológica do mundo subjetivo, ela também seria

dialeticamente dependente da evolução histórica das coações sociais decorrentes da maneira pela qual as condições concretas da vida econômica e da administração pública e privada moldam politicamente a inserção de indivíduos e grupos na sociedade. Política e economia, para Habermas, são o agenciamento dos meios de comunicação do dinheiro e do poder administrativo das instituições, constitutivos da vida das pessoas e das imagens do mundo que estas constroem.

Esta visão tem pertinência se entendida como espelhando o modelo da troca de valores. A racionalidade comunicativa, como expressão do ideal democrático da argumentação estruturada, está presente na troca de valores cooperativa. Trata-se de um estado de equilíbrio moral, onde as relações são estabelecidas entre iguais ou pessoas acreditando serem iguais (Piaget, 1977a, p. 81-87). Se tomarmos as relações de coação que se estabelecem entre indivíduos desiguais, a utilidade (uso) e a facilidade de manipulação são centrais. Este pólo está relacionado com a concepção que Habermas desenvolve a respeito da razão *instrumental*. Trata-se de uma forma de racionalidade que emerge em contextos de coação, em que o discurso (linguagens verbal e corporal, do dinheiro e do poder) é aplicado a qualquer meio (ou mídia) com o objetivo de proveito, de negar a possibilidade de negociação.

Quanto a [3], Habermas tem uma visão muito mais rigorosa de “argumentação” que Grize. Habermas vê argumentos como disputas de pretensões à validade dos enunciados discursivos que se desenvolvem ao longo do tempo, envolvem os processos de aprendizagem dos parceiros da comunicação e levam – ou não – à cooperação. A argumentação estaria circunscrita às condições de cooperação na ação comunicativa. Se submetidas à coação (seja sob a forma de “argumentos” justificando a violência psicossocial, ou sob a forma de leis e regulamentos), ela não seria fonte da razão comunicativa, mas da razão instrumental. Embora Grize, como Habermas, não considere a violência uma forma legítima de “argumentação”, sua noção de argumento

é mais ampla que a ideia de validação de pretensões à verdade ou à veridicidade dos enunciados discursivos na busca pela intercompreensão. Um compromisso entre as duas posições, que propomos, demanda um entendimento da argumentação como uma forma mais holística de troca.

Ecologia dos sentidos: uma abordagem construtivista-crítica da comunicação

De acordo com Habermas, uma das maneiras de destacar a universalidade do conceito de racionalidade comunicativa é a de se estimar o valor do uso empírico de postulados pragmático-formais que pudesse ser alcançado através de pesquisa com o objetivo de explicar (a) modelos patológicos de comunicação, (b) a evolução de formas de vida socioculturais, e (c) a ontogênese das capacidades de ação (Habermas, 1987a, p. 155). Essa via (que não foi a que ele seguiu, mas sugeri como pista de pesquisa) é a que adotamos. No que diz respeito a (a), dado que os valores podem ser individuais, sociais ou híbridos, estudamos processos de argumentação, entendido no sentido de Grize (múltiplas formas de “conversas”), com o objetivo de revelar se uma troca comunicativa é patológica (coativa) ou não (cooperativa). No que tange a (b), dado que o contexto dos sentidos envolvendo as trocas de valores define a maneira pela qual as formas de vida sociocultural e suas correspondentes formas psicológicas evoluem, buscamos compreender a reflexividade circular resultante dos conhecimentos coconstruídos de modo a poder revelar como os juízos – ancorados nos processos cognitivos ou afetivos – são formados, mas sem adotar a dissolução metodológica do sujeito e do objeto, um pouco à maneira do modelo de comunicação recursiva (Krippendorff, 1994). Quanto a (c), buscamos identificar como a vontade do sujeito é exercida para dentro, ajustando-se à experiência de vida fenomenológica de acordo com as limitações culturais e a história pessoal, e para fora por meio de

ações do sujeito sobre mundo com o objetivo de determinar o âmbito moral e ético da comunicação.

A comunicação é vista aqui como um mecanismo biológico que permite ao sujeito de fazer sentido de si mesmo e do mundo exterior. Qualquer movimento para o interior está correlacionado com outro movimento para o exterior. Os seres humanos evoluíram e desenvolveram a capacidade de estruturar experiências fenomenológicas interiores por meio da linguagem, que integra raciocínio lógico e emoções. A biologia nos ensina que todos os animais usam a comunicação para satisfazer suas necessidades básicas: alimentação, acasalamento, proteção contra o perigo e integração social (através de sinais sociais de dominação-subordinação, afetividade etc.). Além disso, existem certas condições necessárias para permitir a comunicação: a influência de contexto na estrutura e função do sinal comunicativo, a condição física dos membros da comunidade comunicativa, o custo para a produção dos sinais e os benefícios da interação (Hauser, 1996). A capacidade humana de construir códigos de várias linguagens (verbal, numérica, visual etc.), bem como a capacidade de construir ferramentas técnicas capazes de integrá-los, é um resultado da evolução epigenética.

A comunicação humana emerge, em nível primário, dos instintos. Freud mostrou como os instintos humanos tornam-se libido quando sem direcionam a objetos externos de desejo (1981). Em um nível secundário, a evolução da cultura produz seres simbólicos (Cassirer, 1994) que raciocinam através de uma multiplicidade de possibilidades de linguagem. Ambas as construções dos níveis primário e secundário se localizam, na base, no tronco cerebral que controla os mecanismos involuntários e as emoções e, na periferia, no córtex, responsável, entre outras coisas, pelas habilidades racionais e linguísticas (cognitivas) (Damasio, 2000). Ambos os níveis são fonte da vontade e da consciência. A hipótese de uma sinergia entre razão e as paixões (ou

“energia”) no funcionamento do cérebro (Piaget, 1954; 1959) sugere que este seja um órgão holístico em que as funções do centro e da periferia trabalham em consonância.

A ecologia dos sentidos e os métodos construtivistas–críticos permitem tanto o estudo das interações cooperativas como o das patologias comunicativas porque levam em conta a transdisciplinaridade dos conhecimentos. Ao entender como as razões e emoções evoluem ao longo das vidas de indivíduos imersos em grupos e sociedades cultural e historicamente construídas graças às produções discursivas (*esquematisações*), podemos avançar integrando os projetos de Habermas, Piaget e Grize. Buscamos também, além do desenvolvimento de procedimentos de análises discursivas, compreender como as esquematizações, que são produções progressivas e múltiplas, podem contribuir para se compreender a maneira pela qual construímos categorias políticas e sociológicas (como a da *luta de classes*, por exemplo). Através da compreensão das produções discursivas, pode-se reconfigurar, no contemporâneo, diversas teses clássicas, como as marxistas que definem as classes de acordo com a propriedade dos meios de produção (Marx, 1972), porque nos pólos da interação dialética encontramos o germe da cooperação e da coação. Habermas, de certa forma, vai nessa direção com a teoria da ação comunicativa e a tese da ética discursiva. A nossa maneira de contribuir com esse projeto é o de considerar a comunicação não como uma disciplina, mas uma *transdisciplina ética* cujo fundamento é a ética que emerge das tensões entre a possibilidade da cooperação ou da coação.

Aplicação teórica

Entendemos a comunicação como um processo de desenvolvimento genético-histórico em que:

- a) As estruturas cognitivas e afetivas do cérebro que emergem da consciência dos sujeitos por meio de ações corporais e operações mentais representam estados

psicológicos. Nas trocas com o meio social, que se dá em um meio natural, estes estados informam os sentidos permitindo as interações comunicativas em seu processo de produção discursiva intersubjetiva. As estruturas cognitivas e afetivas são subjacentes às produções discursivas e permitem a emergência das articulações progressivas do entendimento durante as trocas de valores entre os sujeitos [A e B; A e B e C, etc.] (ver camadas internas cinza claro no interior das elipses na Figura 3).

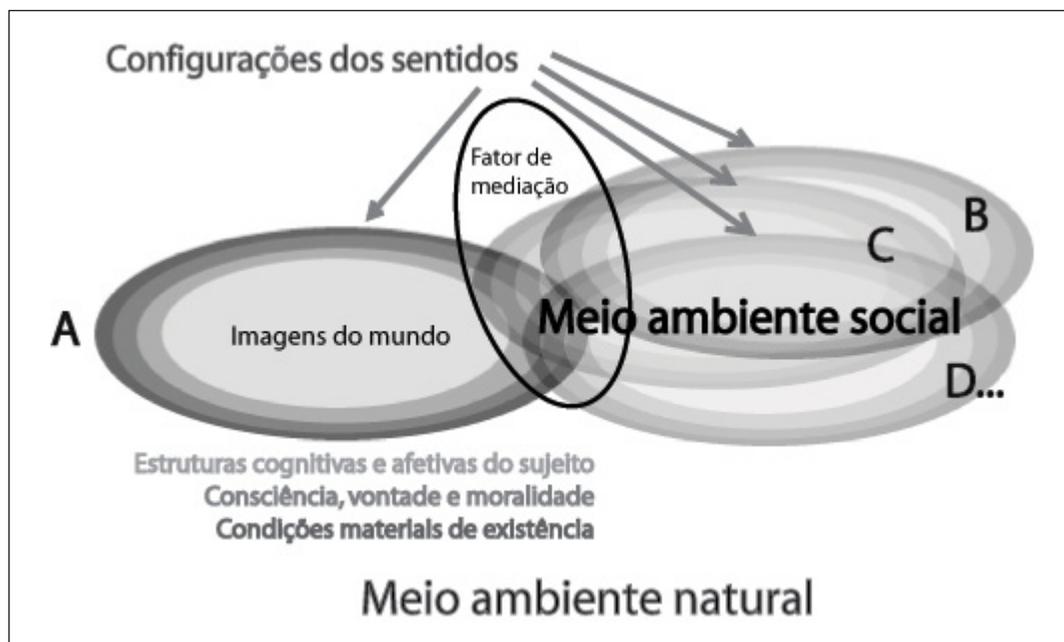


Figura 3 – Fundamentos das esquematizações

- b) A consciência que emerge das estruturas cognitivas e afetivas do sujeito, em suas trocas com o mundo social em um mundo natural, resulta em adoção de posição [que pode se transformar progressivamente nas trocas entre A e B; A e B e C, etc.]. A posição do sujeito, internamente, diz respeito a seus valores morais e, externamente, à maneira como essa moralidade se constitui ética-politicamente no público (ver camadas centrais cinza no meio das elipses na Figura 3).
- c) A consciência que emerge das estruturas cognitivas e afetivas do sujeito está inscrita em condições materiais de existência que são moldadas pelas condições ambientais, naturais e sociais (ver camadas cinza escuro externas das elipses na Figura 3). Ela depende, portanto, de recursos materiais e espirituais necessários para seu desenvolvimento (comida, abrigo e cuidados, bem como ideias). Além disso, em um movimento para fora, desencadeia ações potenciais que podem levar à mudança e à transformação.

A dinâmica do funcionamento das ecologias dos sentidos é o que constitui a capacidade de construção e coconstrução de imagens do mundo nas produções discursivas esquematizadas. Ela propicia produções discursivas de várias ordens, “conversas” que resultam em descrições, explicações, interpretações, criações etc. Essas imagens do mundo resultam da capacidade integrativa que os seres humanos têm de processar inúmeras possibilidades linguageiras (articulação dos sentidos emergindo da interpretação de textos, sons, imagens, etc.). A teoria permite, portanto, olhar de maneira integrada as produções discursivas esquematizadas, capacitando o estudioso a extrair universos de sentidos (ou coconstruções esquematizadas). Esses universos são produções intersubjetivas que carregam sentidos psicossocial, cultural e político-economicamente articulados através das representações. A complexidade das possibilidades do compartilhamento contemporâneo (que pode ser realizado através de conversas informais, através das “lentes” de recorte como objetos tecnológicos de

mediação de toda ordem) deve ser estudada, sobretudo em seu aspecto intencional, por revelar a problemática da moral e da ética que embute desejos e projetos de poder que se instituem no social inscrito em um meio natural dado.

Conclusão

Como procuramos explicar acima, a ecologia dos sentidos é uma teoria que permite um olhar sobre as configurações de sentidos que emergem de construções e coconstruções de imagens do mundo (T) expressas em produções discursivas esquematizadas. Elas integram dinamicamente universais de comunicação (as operações mentais que a possibilitam) e os conteúdos situados de comunicação (a pluralidade infinita de significados e sentidos possíveis que se articulam graças às competências linguísticas, culturais e retóricas dos sujeitos que coconstroem imagens do mundo através de produções discursivas esquematizadas). Nas trocas, as produções discursivas dos indivíduos, grupos e/ou sociedades, que estabelecem interlocuções multilínguas – essas imagens de (T) ou imagens que (A, B, C, D...) têm de (T) – são negociadas em processos cooperativos ou impostos/manipulados em processos coativos. Tal teoria leva em consideração a perspectiva habermasiana de integração dos processos pragmáticos formais (relacionados com os universais da comunicação) e empíricos (relacionados com os conteúdos da comunicação que se articulam nas trocas levando a produções discursivas esquematizadas).

Metodologias de análise das produções discursivas e de intervenção político-social

Introdução

A teoria da ecologia dos sentidos tem duas dimensões metodológicas. A primeira é discursivo-empírica, que leva à proposição de uma semiótica crítica para a análise

de discursos *multilinguajeiros* (Campos, no prelo, p. 353-425; 2010, p. 179-204), capaz de descrever, por um lado, o processo de comunicação em suas dimensões cognitiva e ético-moral e, por outro, responder às necessidades de se estudar discursos de modo a, ao menos, *supor* qual ética estaria mais fortemente em jogo (a das cooperações ou a das coações). A segunda consiste em abraçar a pesquisa-ação como método de intervenção acadêmico voltado para a transformação político-social.

Por uma semiótica das produções discursivas esquematizadas

Paralelamente à sua teoria comunicativa das esquematizações, Grize desenvolveu a LN. Falar do “natural” pode ser controverso. O sentido que Grize deu à ideia de “natural”, segundo nossa leitura, corresponde em grandes linhas à busca de Habermas pelos fundamentos pragmáticos formais da comunicação. Grize, até por conta de sua história de colaboração com Piaget, tem um entendimento bem específico sobre o que seria uma “lógica natural”. Para ele, trata-se do estudo das operações naturais do pensamento como processos de esquematização. Logo, das operações de linguagem que são produzidas espontaneamente quando pessoas se engajam em processos de comunicação. O “natural”, portanto, não é *dado*, mas são as possibilidades genéticas cognitivo-afetivas que se atualizam nas trocas com o meio permitindo a *coconstrução* dos conhecimentos em processos de comunicação (esquematizações). A LN rompe assim com a tradição milenar da lógica, enquanto disciplina, porque exige o abandono do estudo distanciado do objeto. Nela, os sujeitos da comunicação são *integrados* em seu procedimento. A LN, como já dissemos anteriormente, tem dois pólos: a lógica dos objetos do mundo e a lógica dos sujeitos que lidam com os objetos tal como os percebemos e entendemos. A LN permite descrever a coprodução dos discursos esquematizados que fazem emergir configurações de sentidos complexas, voláteis

e sempre dinâmicas (Grize, 1997; 1996; 1991; 1982; Borel, Grize & Miéville, 1992; Miéville, 2010).

Muito embora não caiba, no contexto desse texto, fazer uma descrição da LN², cabe explicitar que a semiótica que propomos trata fundamentalmente da sua transformação em um método *para além do texto verbal*. Esta proposta:

- a) provém de um entendimento do processo discursivo esquematizado que não responda somente a procedimentos argumentativos estritamente dialógicos, mas também polilógicos e polisêmicos;
- b) estabelece que a polisemia deva refletir intervenções de múltiplos sujeitos e não somente de trocas diádicas como exposto na teoria grizeana (em vez de leitor-autor, interlocutor 1 e 2, por exemplo, autor e múltiplos leitores, múltiplos interlocutores etc. de modo a permitir trocas na Internet, por exemplo);
- c) supõe que a comunicação não se limite à linguagem linguística, mas integre inúmeras dimensões linguageiras (do corpo pelas sensações do corpo e das produções de textos, imagens, sons etc.);
- d) exige um entendimento de que a argumentação deva ser compreendida como conversação onde o objetivo retórico e persuasivo não seja o de ser, necessariamente, “lógico”, ainda que, mesmo nesse caso, exista uma lógica subjacente aos discursos.

Uma tal semiótica, além de descrever processos discursivos esquematizados, permite *inferir* as intenções através de operações da LN que nos permitem indicar as escolhas éticas feitas pela via da descrição das predicções³, assim como os mecanismos dos valores e seus sentidos. Desse modo, a semiótica que propomos nos autoriza a *supor* quais valores morais e decisões éticas embasam o comportamento dos sujeitos (ou grupos e sociedades) na comunicação através de processo inferencial relativamente às intenções possíveis. Apesar desse limite do suposto, não se corre o

risco de se afirmar o não sabido. Na análise, rejeita-se a subjetividade ou a objetividade absolutas absoluta em prol de um compromisso construtivista-crítico *in media res*. Considera-se, até um certo ponto, tanto as produções subjetivas (que determinam o limite da possibilidade de se supor algo) quanto as manifestações linguageiras objetivamente expressas nos discursos.

Por uma metodologia de pesquisa-ação engajada

A pesquisa-ação é um método consagrado na área da educação e tem laços com estratégias de intervenção social e política como as propostas pedagógicas de liberação, por exemplo, de Paulo Freire (1987, p. 44-58). Compreender a pesquisa em comunicação como um processo sócio-político do pesquisador. O foco da pesquisa-ação engajada que propomos é o de se instrumentalizar as transformações pelos processos argumentativos *multilinguajeiros* e, nesse sentido, levamos em consideração a teoria social da ação comunicativa de Habermas.

O filósofo alemão defende teses universalistas *fortes* ancoradas numa progressão moral cujo estatuto é *destranscendentalizado* e *fraco* (Habermas, 1989, p. 143). Habermas tomou consciência da cadeia de “sobretudos” porque, nas interações, não encontramos, puros, os pólos comunicativos ou instrumentais (cooperativos ou coativos no entender de Piaget). Os contextos evidenciam, em um dado momento, “sobretudo” um ou outro⁴. O fundamento da teoria ético-discursiva habermasiana, como se sabe, repousa em dois princípios. O primeiro, o princípio U da universalização, corresponde às regras da argumentação aplicadas em contextos práticos que se tornam universais na medida em que os participantes da comunicação aceitem as normas, de sorte que todos seus aspectos e consequências sejam igualmente aceitos por todos, sem coação (Freitag-Rouanet, 1992, p. 246)⁵. Habermas também menciona o princípio D da ética do discurso. Esse princípio diz respeito ao processo progressivo de verificação da

produção do juízo, de sorte que as normas que dele decorressem pudessem ser examinadas com o intuito de acessar suas validades hipotéticas (Habermas, 1989, p. 148-149). Em resumo, ao participar de trocas nas quais os ditos e os não ditos são objeto de reflexão, os seres humanos examinam e validam pretensões à verdade ou à veracidade. Esses processos de produção discursiva esquematizada se aplicam a todas as atividades discursivas: das conversas casuais com o padeiro ou a feirante aos debates científicos, políticos, religiosos etc. São processos de embate com vistas a acordos cooperativos que permitam um acordo sobre as regras. Na falta deles, a ética do bem comum é rompida. Habermas explica que a moralidade implica a possibilidade de distinguir os juízos morais corretos dos incorretos (1989, p. 147) e que os pressupostos fundamentais do relativismo ético deveriam ser contestados (Habermas, 1989). Ele defende a ideia de uma progressão qualitativa que vai dos ritos profanos, passando pela normatividade religiosa até o ideal das sociedades democráticas capazes de acordos graças ao direito e, sobretudo à *intenção sincera* de busca do bem comum. A dimensão afetiva estaria relacionada a essa intenção sincera, mas ela não basta na busca de acordos políticos relacionados com a gestão das instituições democráticas. É preciso compreender a ação e a intervenção político-social como movimentos que, se devem partir do imperativo moral da sinceridade, adéquam-se na medida do Possível aos procedimentos de negociação com o real.

A saída política cooperativa, cuja solução exige transformações ético-sociais, passa pelo diálogo e por uma revisão radical da estrutura e do funcionamento dos procedimentos democráticos, notadamente da ação do pesquisador que olha os sujeitos que comunicam no mundo. De um ponto de vista estritamente metodológico, propostas de pesquisa-ação de ordem comunicativa precisam ultrapassar o estreito limite da racionalidade lógico-argumentativa para integrar produções discursivas esquematizadas onde argumentos que não respondam, necessariamente, aos

imperativos de validação de pretensões à verdade ou à veracidade, possam ao menos ser considerados. A resposta metodológica para a área da comunicação que propomos é o de descrever semiótico-criticamente os processos argumentativos *multilinguajeiros* dentro de processos de intervenção nos quais os pesquisadores realizam projetos de transformação político-sociais.

Conclusão

Nesse texto, buscamos apresentar reflexões teórico-metodológicas que resultam de pesquisas realizadas ao longo de duas décadas em que adotamos uma proposição construtivista-crítica para o estudo de práticas comunicativas interativas, a maioria delas pela Internet, também com o objetivo de promover transformações. Esta perspectiva não entende a comunicação nem como “ciência”, nem como “ciências” (Campos, no prelo, 2011), mas como uma *transdisciplina* cujo estatuto é prévio à possibilidade de todo e qualquer conhecimento, seja ele científico ou popular. A comunicação não seria uma ciência humana, nem social. Também não seria biológica, natural, técnica, aplicada ou pura. Ela deveria ser considerada tudo isso ao mesmo tempo, transversal, perpassando todas essas dimensões. A teoria da ecologia dos sentidos e o método a ela associado reflete a imbricação das teorias de Habermas, Grize e Piaget. A teoria e o método que propomos podem não responder a todas as interrogações produzidas relativamente à complexidade da comunicação no mundo contemporâneo, mas, acreditamos, seja um passo modesto nessa direção. ●

REFERÊNCIAS

- AUSTIN, John Langshaw. *How To Do Things with Words*. Londres (UK): Oxford University Press, 1962.
- BAKARDIJEVA, Maria. *Internet Society. The Internet in Everyday Life*. Londres (UK): Sage Publications, 2005.
- BASSLER, Bonnie Lynn. Small Talk. Cell-to-cell Communication in Bacteria. *Cell*, Cambridge (MA), v. 17, n. 109, p. 421-424, 2002.

- BOREL, Marie-Jeanne; GRIZE, Jean-Blaise; MIÉVILLE, D. *Essai de logique naturelle*. 2. ed. Berna: Peter Lang, 1992. (Collection Sciences pour la communication).
- BRETON, Philippe. *L'argumentation dans la communication*. Paris: La Découverte, 1996. (Collections Repères).
- BURLESON, Brent R.; DELIA, Jesse G.; APPELGATE, James L. Effects of Maternal Communication and Children's Social-cognitive and Communication Skills on Children's Acceptance by the Peergroup. *Family Relations*, Chicago (IL), v. 41, p. 264-272, 1992.
- CAPELLA, Joseph N. The Biological Origin of Automated Patterns of Human Interaction. *Communication Theory*, Malden (MA), v. 1, n. 1, p. 4-35, 1991.
- CAMPOS, Milton Nunes. *Navegar É Preciso. Comunicar É Impreciso*, 2011. 465p. Tese (Livro Docência em Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, USP, São Paulo, 2011. (no prelo pela EDUSP).
- _____. La schématisation dans des contextes en réseau. In: MIÉVILLE, Denis. *La logique naturelle. Enjeux et perspectives*. *Travaux du Centre de Recherches Sémiologiques*, Neuchâtel, v. 68, p. 215-258, 2010.
- _____. Ecology of Meanings: A Critical Constructivist Communication Model. *Communication Theory*, Malden (MA), v. 17, n. 4, p. 386-410, 2007.
- CASSIRER, Ernst. *Ensaio sobre o Homem*. Introdução a uma Filosofia da Cultura Humana. São Paulo (SP), Livraria Martins Fontes Editora, 1994. (Tradução do inglês para o português de Tomás Rosa Bueno. Edição original publicada em 1944. Coleção Tópicos).
- CLARKE, Ruth Anne; DELIA, Jesse. G. (1977). Cognitive complexity, social perspective-taking, and functional persuasive skills in second-to-ninth-grade children. *Human Communication Research*, Malden (MA), v. 3, p. 128-134, 1977.
- CRAIG, Robert T. Communication Theory as a Field. *Communication Theory*, Malden (MA), v. 9, n. 2, p. 119-161, 1999.
- DAMASIO, Antonio. *L'erreur de Descartes. La raison des émotions*. Paris: Odyle Jacob, 2000.
- DE GANDILLAC, Maurice; GOLDMANN, Lucien; PIAGET, Jean. *Entretiens sur les notions de genèse et de structure*. Paris: Mouton & Co, 1965.
- DELIA, Jesse G.; O'KEEFE, Daniel. J. The Relation of Theory and Analysis in Explanations of Belief Salience: Conditioning, Displacement, and Constructivist Accounts. *Communication Monographs*, Washington (DC), v. 44, p. 166-169, 1977.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17. ed. São Paulo, Editora Paz e Terra, 1987. 213 p.
- FREITAG-ROUANET, Barbara. *Itinerários de Antígona: A Questão da Moralidade*. Campinas (SP): Papyrus, 1992.
- _____. *Habermas: 70 Anos*. *Revista Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro (RJ), v.138, jul.-set. 1999.

FREUD, Sigmund. El Malestar en la Cultura. In: FREUD, Sigmund. *Obras Completas*. 4. ed. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. Tomo III. p. 3017-3067. (Traduzido do alemão para o espanhol por Luis Lopez-Ballesteros y de Torres. Edição original publicada em 1929/1930).

GATTICO, Emilio; GRIZE, Jean-Blaise. *La Costruzione del Discorso Quotidiano*. Milão: Bruno Mondadori, 2007.

GOLDMAN, Lucien. *Sciences humaines et philosophie*. Suivi de structuralisme génétique et création littéraire. Paris: Gonthier, 1978.

GRIZE, Jean-Blaise. *Logique et langage*. Paris: Ophrys, 1997.

_____. *Logique naturelle et communications*. Paris: Presses Universitaires de France, 1996. (Collection Psychologie sociale).

_____. Logique naturelle et construction des propriétés des objets. *L'Année psychologique*, Paris, v. 91, p. 103-120, 1991.

_____. Logica Piagetiana e Logica del Discorso. In: CERUTI, Mauro et al. *L'Altro Piaget: Strategie delle Genesi*. Milão: Emme Edizioni, 1983. p. 71-83.

_____. *De la logique à l'argumentation*. Genebra: Droz, 1982.

HABERMAS, Jürgen. *Truth and Justification*. Cambridge (MA): The MIT Press, 2003. (Tradução do alemão para o inglês de Barbara Fultner. edição original publicada em 1999).

_____. *Consciência Moral e Agir Comunicativo*. Rio de Janeiro (RJ): Tempo Brasileiro, 1989. (Tradução do alemão para o francês de Guido A. de Almeida. Edição original publicada em 1983).

_____. *Théorie de l'agir communicationnel. Rationalité de l'agir et rationalisation de la société*. Paris: Fayard, 1987a. Tome 1. (Tradução do alemão para o francês por Jean-Marc Ferry. Edição original publicada em 1981. Collection L'espace du politique).

_____. *Théorie de l'agir communicationnel. Pour une critique de la raison fonctionnaliste*. Paris: Fayard, 1987b. Tome 2. (Tradução do alemão para o francês por Jean-Louis Schlegel. Edição original publicada em 1981. Collection L'espace du politique).

HAUSER, Marc D. *The Evolution of Communication*. Cambridge (MA): The MIT Press, 1996.

HUTCHINS, Edwin. How a Cockpit Remembers Its Speeds. *Cognitive Science*, Bloomington (IN), v. 19, p. 265-288, 1995.

KANT, Immanuel. *Critique de la raison pratique*. 7. ed. Paris: Quadrige, Presses Universitaires de France, 2003. (Tradução do alemão para o francês de François Picavet. edição original publicada em 1787).

_____. *Crítica da Razão Pura*. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994. (Tradução do alemão para o português de Manuela P. dos Santos e Alexandre F. Morujão. Edição original publicada em 1781).

KELLY, George Alexander. *The Psychology of Personal Constructs*. Theory and Personality. New York (NY): W. W. Norton & Company Inc., 1955. v 1.

KESSELRING, Thomas. Jean Piaget: entre Ciência e Filosofia. In: FREITAG, Barbara. *Piaget: 100 Anos*. São Paulo: Cortez, 1997. p. 17-45. (Tradução do alemão para o português de Barbara Freitag).

KRIPPENDORFF, Klaus. A Recursive Theory of Communication. In: CROWLEY, David; MITCHELL, David Brian. *Communication Theory Today*. Stanford (CA): Stanford University Press, 1994. p. 78-104.

_____. An Epistemological Foundation for Communication. *Journal of Communication*, Malden (MA), v. 34, n. 3, p. 21-36, 1984.

LEVY, Pierre. *Les technologies de l'intelligence*. L'avenir de la pensée à l'ère informatique. Paris: Éditions La Découverte, 1990.

_____. *L'intelligence collective*. Pour une anthropologie du cyberspace. Paris: Éditions La Découverte, 1994.

LUHMANN, N. What is Communication? *Communication Theory*, Malden (MA), v. 2, n. 3, p. 251-259, 1992.

MARX, Karl Heinrich. *Contribution à la critique de l'économie politique*. Paris: Éditions sociales, 1972. (Tradução do alemão para o francês por Maurice Husson e Gilbert Badia. Edição original publicada em 1859).

MATURANA ROMESÍN, Humberto; VARELA GARCÍA, Francisco Javier. *A Árvore do Conhecimento*. As Bases Biológicas da Compreensão Humana. São Paulo: Palas Athena, 2004. (Tradução do espanhol para o português de Humberto Mariotti e Lia Diskin. Edição original publicada em 1976).

_____. *De Máquinas y Seres Vivos, Autopoiesis de la Organización de lo Vivo*. Santiago de Chile: Editorial Universitaria, 1997.

MEYER, J. Cognitive Models of Message Production. *Communication Theory*, Malden (MA), v. 10, p. 176-187, 2000.

O'KEEFE, Daniel J.; DELIA, Jesse G. Construct Differentiation and the Relationship of Attitudes and Behavioural Intentions. *Communication Monographs*, Washington (DC), v. 48, p. 146-157, 1981.

PEPPERBERG, Irene Maxine. *The Alex Studies: Cognitive and Communicative Abilities by Grey Parrots*. Cambridge (MA): Harvard University Press, 2000.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Traité de l'argumentation*. La nouvelle rhétorique. 6. ed. Bruxelas: Éditions de l'Université de Bruxelles, 2008.

PIAGET, Jean. *Le jugement moral chez l'enfant*. 9. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 2000.

_____. *Biologie et connaissance. Essai sur les relations entre les régulations organiques et les processus cognitifs*. 2. ed. Neuchâtel-Paris: Delachaux et Niestlé, 1992.

PIAGET, Jean. Introduction. In: PIAGET, Jean; GARCIA, Rolando. *Toward a Logic of Meanings*. Hillsdale (MI): Lawrence Erlbaum Associates, 1991. p. 3-8. (Tradução do inglês para o francês de David de Caprona e Philip M. Davidson).

_____. *A Epistemologia Genética*. Sabedoria e Ilusões da Filosofia. Problemas de Psicologia Genética. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Traduzido do francês para o português de Nathanael C. Caixeiro, Zilda Abujamra Dair e Celia E. A. Di Piero. Edições originais publicadas em 1970, 1969 e 1972. Coleção Os Pensadores).

_____. *Études sociologiques*. 3. ed. Genebra: Librairie Droz, 1977a.

_____. Essai sur la nécessité. *Archives psychologiques*, Genebra, v. XLV, n. 175, p. 235-251, 1977b.

_____. *La naissance de l'intelligence chez l'enfant*. Neuchâtel: Delachaux et Niestlé, 1977c. (Edição original publicada em 1945).

_____. *Le langage et la pensée chez l'enfant*. 9. ed. Neuchâtel-Paris: Delachaux et Niestlé, 1976a.

_____. Le possible, l'impossible et le nécessaire. *Archives psychologiques*, Genebra, v. XLIV, n. 172, p. 281-299, 1976b.

_____. *La formation du symbole chez l'enfant*. 6. ed. Neuchâtel-Paris: Delachaux et Niestlé, 1976c.

_____. *Ensaio de Lógica Operatória*. Porto Alegre; São Paulo: Editora Globo, EDUSP, 1976d. (Tradução do francês para o português de Maria Angela Vinagre de Almeida. Edição original publicada em 1949).

_____. *Les modèles abstraits sont-ils opposés aux interprétations psycho-physiologiques dans l'explication en psychologie?* Esquisse d'une autobiographie intellectuelle. *Bulletin de Psychologie*, Paris, v. 169, n. XIII, p. 1-2, p. 7-14, 1959.

_____. Les relations entre l'intelligence et l'affectivité dans le développement de l'enfant. *Bulletin de Psychologie*, Paris, v. 7, n. I-III, p. 143-150, p. 346-361, p. 522-535, p. 699-709, 1954.

_____. *Introduction à l'épistémologie génétique*. La pensée mathématique. Paris: Presses Universitaires de France, 1949-1950.

_____. *Introduction à l'épistémologie génétique*. La pensée physique. Paris: Presses Universitaires de France, 1949-1950b.

_____. *Introduction à l'épistémologie génétique*. La pensée biologique, la pensée psychologique et la pensée sociologique. Paris: Presses Universitaires de France, 1949-1950.

SEARLE, John Rogers. What is an Speech Act? In: GIGLIOLI, Pier Paolo. *Language and Social Context*. Selected Readings. Londres (UK): Penguin Books, 1972. p. 137-154.

SIGMAN, S. J. Do Social Approaches to Interpersonal Communication Constitute a Contribution to Communication Theory? *Communication Theory*, Malden (MA), v. 2, n. 4, p. 347-356, 1992.

SPERBER, Dan, & WILSON, Deirdre. *Relevance: Communication and Cognition*. Cambridge (MA): Harvard University Press, 1986.

TAYLOR, James. Shifting from a Heteronymous to an Autonomous Worldview of Organizational Communication: Communication Theory on the Cup. *Communication Theory*, Malden (MA), v. 5, n. 1, p. 1-35, 1995.

TOULMIN, Stephen Edelston. *The Uses of Argument*. 15. ed. Cambridge (MA): Cambridge University Press, 1999.

VAN DIJK, T. Discourse and Cognition in Society. In: CROWLEY, David; MITCHELL, David (Eds.). *Communication Theory Today*. Stanford (CA): Stanford University Press, 1994. p. 108-126.

VAN EEMEREN, Frans H.; GROOTENDORST, Rob. *A Systematic Theory of Argumentation*. The Pragmadiological Approach. Cambridge (MA): Cambridge University Press, 2004.

VAN EEMEREN, Frans H.; GROOTENDORST, Rob; HENKEMANS, Francisca Snoek. *Fundamentals of Argumentation Theory*. A Handbook of Historical Backgrounds and Contemporary Developments. Mahwah (NJ): Lawrence Erlbaum Associates, 1996.

VARELA GARCÍA, Francisco Javier. The Specious Present: A Neurophenomenology of Time Consciousness. In: PETITOT, Jean; VARELA GARCÍA, Francisco Javier; PACHOUD, Bernard; ROY, Jean-Michel. *Naturalizing Phenomenology*. Issues in Contemporary Phenomenology and Cognitive Science. Stanford (CA): Stanford University Press, 1999. p. 266-314. (Writing Science).

_____. *Invitation aux sciences cognitives*. Paris: Éditions du Seuil, 1996. v. S111. (Tradução do inglês para o francês por Pierre Lavoie. Edição original publicada em 1988. Collection Points – Série Sciences).

VARELA GARCÍA, Francisco Javier; THOMPSON, Evan; ROSCH, Eleanor. *L'inscription corporelle de l'esprit*. Sciences cognitives et expérience humaine. Paris: Éditions du Seuil, 1993. (Tradução do inglês para o francês de Véronique Havelange. Edição original publicada em 1991. Collection La couleur des idées).

WINOGRAD, Terry; FLORES, Fernando. *Understanding Computers and Cognition*. A New Foundation for Design. Norwood (NJ): Ablex Publishing Corporation, 1986.

NOTAS

¹ A tradução desse trecho, do inglês para o português, é nossa.

² Não apresentaremos a LN nesse artigo. Para conhecê-la, convidamos os leitores a consultar as obras citadas nessa seção.

³ A predicação está relacionada à dualidade da escolha. Ao se optar por um dos pólos de uma dualidade – por exemplo, escolher “amar algo” em vez de “não amar algo” – a escolha pode sugerir ou indicar, em uma análise discursiva, o contexto ético das interações.

- ⁴ Uma leitura atenta dos textos de Habermas revela que as críticas de visão dicotômica do mundo e de um suposto idealismo dela decorrente são infundadas (para não dizer superficiais e burras). Habermas sempre tem em mente que não se pode pensar o social sem considerá-lo como processo permanente. Quando fala de pólos, ele os indica apenas por uma questão didática para explicar quais são as suas possibilidades “puras”. Os pólos do agir identificam apenas possibilidades virtuais que se constituem em processos interativos complexos que se produzem na ação, ao longo do tempo.
- ⁵ Aqui, Barbara Freitag-Rouanet cita o artigo de Habermas: “‘Moralität und Sittlichkeit’. Treffen Hegel’s Einwände auch auf die Diskursethik zu?”, *Moralität und Sittlichkeit* (organizado por Wolfgang Kuhlmann), p. 18.

Recebido em: 01 out. 2014

Aceito em: 03 nov. 2014

Endereço do autor:

Milton N. Campos <milton.campos@umontreal.ca>

Université de Montréal

2900 Boulevard Edouard-Montpetit

Montréal, Québec H3T 1J4, Canadá

Tel.: +1 514-343-6111